

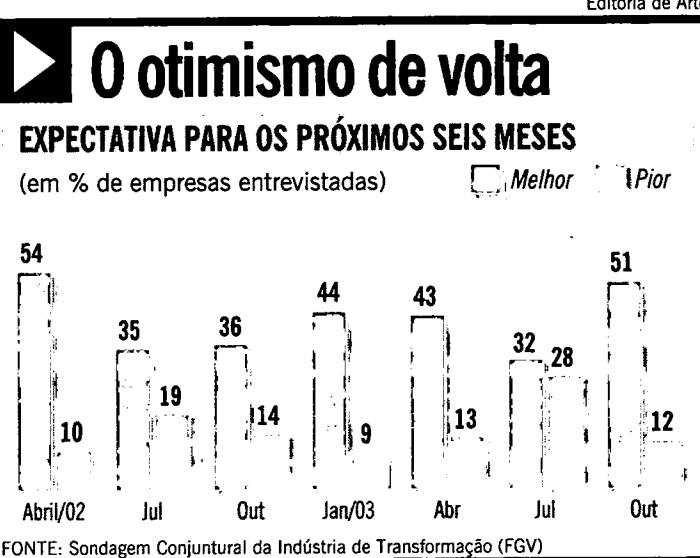
FGV: otimismo está no nível máximo

Sondagem traz o melhor índice de expectativas desde o início do governo

Flávia Oliveira

• São cada vez mais evidentes os indícios de que a economia brasileira está emergindo do mar da estagnação. O sinal mais recente surgiu ontem, com a divulgação pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) da 149º Sondagem Conjuntural da Indústria de Transformação. A pesquisa deixa claro o entusiasmo dos empresários com o aumento da demanda, a retomada da produção e a recuperação do emprego. No trecho dedicado às expectativas para os próximos seis meses, traz o mais alto nível de otimismo já registrado no governo Lula.

Nada menos que 51% dos executivos das 1.246 empresas consultadas acreditam que, de outubro de 2003 a abril do próximo ano, seus negócios estarão melhores que hoje. Na pesquisa de julho, a proporção estava em 32%. Já o percentual dos que prevêem um futuro pior caiu de 28% para 12%.



O economista Aloisio Campelo Jr., coordenador da pesquisa, revela que a diferença entre otimistas e pessimistas atingiu 39 pontos percentuais em outubro. Foi um salto em relação a julho, quando o saldo foi de quatro pontos, o pior desde a desvalorização do real. — No presente, houve uma redução do pessimismo. Os empresários estão mais confortáveis, especialmente nas áreas ligadas à demanda interna. Nas projeções futuras, há um moderado otimismo — diz.

O entusiasmo é mais acentuado nos setores de bens de capital e de consumo. Em ambos, a proporção de otimistas

com o futuro é de 55% — sinal de retomada do investimento e da atividade. Nos dados que tratam do nível atual da demanda, 16% já a enxergam forte e 15%, fraca. A diferença de um ponto traz uma melhora relevante frente aos 34 pontos negativos (8% forte contra 42% fraca) de julho. Além disso, 24% pretendem contratar neste último trimestre e 10% pretendem demitir. A diferença de 14 pontos é a mais alta desde 1991.

A Federação do Comércio do Rio (Fecomércio-RJ) também já fala em retomada do consumo. Na pesquisa sobre o perfil econômico dos consumidores, descobriu que passou de 10,41% para 18,49% a proporção de cariocas que aumentaram os gastos com produtos de subsistência. A demanda por financiamento também voltou a crescer. ■

► **NO GLOBO ON LINE:**
Veja as pesquisas
www.oglobo.com.br/economia